

J. A. do Nascimento Brito
Presidente do Conselho Editorial

Wilson Figueiredo
Vice-Presidente

Augusto Nunes
Vice-Presidente

Ricardo Boechat
Editor-chefe

Cristina Konder
Editora JB Online

Destino: Rússia

FHC - viagem

A viagem que o presidente Fernando Henrique realizará a partir de domingo à Rússia e à Ucrânia (quatro dias ao todo, nos dois países) se insere na sua linha de “ação global”, que inaugurou desde que, há sete anos, assumiu a Presidência, e que consiste na chamada diplomacia presidencial. Isto é: ele próprio desenvolve a diplomacia brasileira por meio de viagens com as quais entra pessoalmente em contato com outros chefes de Estado, aumentando assim a presença internacional do Brasil.

O estreitamento dos laços políticos e econômicos com a Rússia e a Ucrânia, países que sempre tiveram colônias significativas no Brasil, fecha com chave de ouro importante ciclo durante o qual ficou claro que o Brasil tem negócios com todos os continentes, dialoga com o G7 (sete países mais ricos do mundo), está no Mercosul, tem abertura para o Nafta e laços fortes com Europa e Ásia. Acabou definitivamente a fase terceiro-mundista.

Apesar de pouco divulgada, a viagem à Rússia e à Ucrânia vai fortalecer relações sobretudo econômicas com grandes possibilidades no presente e no futuro. Esses dois países são *players* importantes em matéria de energia, petróleo e gás. A Rússia pode fornecer ao Brasil inteligência, professorado, produtos agrícolas e até mesmo aviões Mig 29, de defesa (sem falar do acordo já fechado com a Varig para prover a logística do Mig 29) em troca de maiores oportunidades brasileiras em agrobusiness. Contratos a longo prazo darão maior confiança aos exportadores. Calcula-se que futuramente o comércio nas duas vias pode chegar a US\$ 20 bilhões no período de 10 anos..

Os russos têm também produtos a oferecer na área militar, respeitados, evidentemente, os limites com os EUA. Tudo isto se desenrolará durante a curta porém proveitosa viagem de Fernando Henrique à Rússia e à Ucrânia. A política externa brasileira resultante da “ação global” se afirma assim confiante e consciente. Normalmente a opinião pública brasileira não se preocupa com política externa, procede como se ela não existisse. Mas essa política existe e é importante, realimentando-se constantemente com as viagens presidenciais que a todo momento reafirmam suas ênfases.

Quando discursou na abertura da Assembleia-Geral da ONU, em novembro do ano passado, Fernando Henrique elevou os temas da atividade diplomática brasileira à categoria de doutrina a ser ouvida por outras nações do mundo. No espaço de poucos dias, do pronunciamento no Parlamento francês, ao encontro com o presidente George Bush e à intervenção na ONU (poucos dias antes da derrubada

das torres gêmeas de Nova York), o presidente brasileiro arrematou com brilho sua pregação. Defendeu uma globalização mais humana e maior democratização da ONU, condenou o protecionismo e o terrorismo internacional, voltou a proclamar os direitos humanos, e tomou posição a favor da criação do Estado palestinos.

A viagem à Rússia, apesar da ênfase econômica das tratativas, é bem um sinal de que o Brasil, na conjuntura internacional pós-atacado de 11 de setembro, deseja falar como líder de nações emergentes, como parceiro em igualdade de condições. O recente atrito do Brasil com o Canadá teve importância didática a respeito da necessidade de política exterior atuante e até agressiva, quando necessário. A atual crise da Argentina – em plena ebulição – segundo a análise do articulador político do governo, Arthur Virgílio, valorizou a imagem do presidente Fernando Henrique e de seu bem-sucedido plano de estabilização monetária. Graças a isto, ainda segundo Arthur Virgílio, “o Brasil hoje chora pela Argentina e não com a Argentina”.

Fernando Henrique deu o tom de seu estilo de diplomacia internacional em outubro, no discurso aos formandos do Instituto Rio Branco, quando deixou claro que a diplomacia brasileira continua em plena ação e que, no cenário internacional, segurança apenas não é o bastante. Há outras prioridades “que se abrem para tornar o ordenamento internacional imune ao irracionalismo, à intolerância e à exclusão”.

Pela própria situação da imigração russa e ucraniana no Brasil, e agora com a maior abertura das relações econômicas, Fernando Henrique terá grande facilidade de diálogo com o presidente Vladimir Putin, em Moscou, e com o presidente Leonid Kuchma, em Kiev. A Ucrânia, segundo maior país da Europa e ainda hoje celeiro do arsenal nuclear da ex-URSS, era conhecida como a “cesta de pão” do antigo império soviético pela intensa produção de cereais; as reservas (ricas) de carvão, ferro e manganês viabilizaram a implantação de complexos metalúrgicos e químicos e de máquinas. A Rússia, por seu turno, maior nação do mundo, com um pé na Ásia e outro na Europa, recuperou-se economicamente em 1999, depois da turbulência da transição do Estado socialista para a democracia de livre mercado, graças ao aumento dos preços de petróleo, principal produto de exportação do país.

Os antigos e os novos negócios entre os três países têm tudo para dar certo e para se ampliarem num amplo conceito de globalização, sem desrespeito às peculiaridades de cada um.